



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LINGUÍSTICA
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

TAIANE DE SOUSA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS DE ENSINO E
APRENDIZAGEM**

João Pessoa - PB
2019

TAIANE DE SOUSA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS DE ENSINO E
APRENDIZAGEM**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua
Portuguesa, da Universidade Federal da
Paraíba - UFPB, como requisito final para
obtenção do título de graduação em Letras -
Língua Portuguesa.

Orientadora: Eliana Vasconcelos da Silva
Esvael.

**João Pessoa - PB
2019**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586i Silva, Taiane de Sousa.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS DE
ENSINO E APRENDIZAGEM / Taiane de Sousa Silva. - João
Pessoa, 2019.

50 f. : il.

Orientação: Eliana Vasconcelos da Silva Esvael.
TCC (Especialização) - UFPB/CCHLA.

1. Leitura Literária. 2. Educação de Jovens e Adultos.
3. Práticas Docentes. I. Esvael, Eliana Vasconcelos da
Silva. II. Título.

UFPB/CCHLA

TAIANE DE SOUSA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS DE ENSINO E
APRENDIZAGEM**

**Trabalho de conclusão de curso aprovado em ____/____/____ para obtenção
do título de Licenciada em Língua Portuguesa.**

Banca Examinadora:

**Dr^a Eliana Vasconcelos da Silva Esvael
UFPB/CCHLA/DLPL
(orientadora)**

**Dr^a Alyere Silva Farias
UFPB/CCHLA/DLPL
(Examinadora)**

**Dr^a Quézia Vila Flor Furtado
UFPB/CE/DME
(Examinadora)**

**Dr^a Josete Marinho de Lucena
UFPB/CCHLA/DLPL
(Examinadora Suplente)**

João Pessoa- PB

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a minha família e a todas as pessoas que acreditam na educação como forma de transformação social, principalmente aos estudantes que almejam alcançar os objetivos através de leituras e também aos professores(as) que tornam o espaço da sala de aula mais significativo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me proporcionar mais esta realização na minha vida.

A minha família por abraçar este momento tão significativo, em especial, a minha irmã Tays Sousa por possibilitar profundas reflexões que me fizeram trilhar por um caminho de esperança, aconchego, empatia, sonhos e confiança. A minha mãe Luciene Sousa e ao meu pai Severino Elias por sempre acreditarem em mim, seja através de palavras e atitudes que me impulsionaram a chegar nesta fase. Ao meu irmão Thiago Sousa por estar presente nos momentos que precisei. Ao meu esposo Ricardo Oliveira por me apoiar em cada decisão tomada para a realização desta conquista.

A minha turma 2014.1 que através dos diálogos e discussões na sala de aula contribuíram para as reflexões e aprendizados. Em especial a Nathália Leite por fazer parte desde o primeiro dia de aula, compartilhando bons momentos com apoio, incentivo, carinho e companheirismo. A todos(as) que percorreram comigo durante esses 05 (cinco) anos de formação.

A todos(as) professores(as) que fizeram parte da minha formação desde a pré-escola até a universidade, levo comigo a história de cada um vivenciada na sala de aula. Ainda sobre a formação acadêmica sou grata por cada aprendizado proporcionado nesta etapa da minha formação inicial. E, sobretudo a todos(as) os(as) profissionais da área de educação, linguística e literatura desta instituição de ensino.

Ao coordenador Prof. Dr. Cirineu Stein por conduzir de forma exímia a coordenação do Curso de Letras, oportunizando aos estudantes do turno noturno a participação em eventos realizados, como a “Semana de Letras” e entre outros.

A minha orientadora, Eliana Esrael, por conduzir este trabalho com maestria.

A Prefeitura Municipal de Santa Rita – PB por ofertar o transporte universitário em que utilizei em boa parte da minha trajetória acadêmica.

A turma da EJA do ciclo V por compartilhar suas percepções sobre a leitura literária.

“E acontecerá com a leitura o mesmo que acontece com a música: depois de termos sido tocados pela sua beleza, é impossível esquecer. A leitura é uma droga perigosa: vicia... Se os jovens não gostam de ler, a culpa não é só deles. Foram forçados a aprender tantas coisas sobre os textos – gramática, usos da partícula "se", dígrafos, encontros consonantais, análise sintáctica – que não houve tempo para serem iniciados na única coisa que importa: a beleza musical do texto. E a missão do professor?”

(Rubem Alves)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de compreender o espaço da leitura literária como possibilidade de contribuições na formação social e reflexões nos processos de ensino e aprendizagem da modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, documental e qualitativo. Assim, propusemos analisar a perspectiva de uma turma da EJA ciclo V através da aplicação de um questionário na Escola Normal Estadual de Ensino Fundamental e Médio Anísio Pereira Borges, situada em Santa Rita/ PB. Dessa forma, percebemos os aspectos teórico-metodológico, a percepção dos educandos sobre a leitura literária e as práticas docentes. Para fundamentar utilizamos alguns teóricos, dentre eles: Ferrarezi e Carvalho (2017); Rouxel (2013); Freire (1967; 1980); Paiva (1987); Cereja (2005); Cosson (2011) e Calaça (2016). Podemos refletir que o ensino de literatura ainda continua sendo desarticulado da prática de leitura literária e quando se trata da EJA encontramos muitas resistências seja pela escola ou pela prática dos(as) docentes. Mas diante disso, percebemos através da subjetividade de alguns educandos que a importância da leitura é essencial para a formação social. As respostas obtidas dos(as) educandos(as) demonstram que o espaço de leitura literária é uma prática possível na modalidade EJA, compreendendo através das vivências e especificidades a importância do processo de leitura de forma significativa.

Palavras-chave: Leitura Literária. Educação de Jovens e Adultos. Práticas Docentes.

ABSTRACT

This work aims to understand the space of literary reading as a possibility of contribution in social formation and reflections in the teaching and learning processes of the modality of Youth and Adult Education. This research is of bibliographical, documentary and qualitative character. Thus, we proposed to analyze the perspective of a group of EJA cycle V through the application of a questionnaire at the State Normal School of Elementary and Middle School Anísio Pereira Borges, located in Santa Rita/ PB. In this way, we perceive the theoretical-methodological aspects, the students' perception of literary reading and teaching practices. To substantiate we use some theorists, among them: Ferrarezi and Carvalho (2017); Rouxel (2013); Freire (1967, 1980); Paiva (1987); Cereja (2005); Cosson (2011) and Calaça (2016). We can reflect that literature teaching still remains disjointed from the practice of literary reading and when it comes to the EJA we find many resistance either by the school or the practice of the teachers. But on the face of it, we perceive through the subjectivity of some students that the importance of reading is essential for social formation. The answers obtained from the students are that the literary reading space is a possible practice in the EJA modality, understanding through the experiences and specificities the importance of the reading process in a meaningful way.

Keywords: Literary Reading. Youth and Adult Education. Teaching Practices.

LISTA DE GRÁFICOS E QUADRO

Gráfico 1 - Hábito de leitura.....	31
Gráfico 2 - O que costuma ler.....	31
Gráfico 3 - Visita à biblioteca.....	32
Gráfico 4 – Tipos de livros que retiram da biblioteca.....	33
Gráfico 5 - Contato com textos literários.....	34
Gráfico 6 – Contato com textos literários em outros lugares.....	34
Quadro 1 - Atividades sobre leitura literária.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A PERSPECTIVA DO LEITOR NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	14
2.1 Conhecendo a Educação de Jovens e Adultos.....	15
2.2 Leitura literária na aula de literatura.....	18
3 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DE LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA DA EJA.....	22
3.1 Biblioteca escolar: para quê serve?.....	23
3.2 Do livro a leitura literária: as (re) significações para formar um leitor na EJA.....	25
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	28
4.1 Campo e Sujeitos da pesquisa.....	28
4.2 Instrumento de coleta de dados.....	29
5 A FORMAÇÃO DO LEITOR NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
7 REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE.....	49

1. INTRODUÇÃO

O espaço da leitura na sala de aula ainda continua sendo vivenciado por alguns(as) educadores(as) como uma prática cercada de desafios, sendo estes que por muitas vezes acabam tornando o espaço de leitura literária em segundo plano. Assim, um dos desafios do papel docente no desenvolvimento da prática de leitura é articular com o contexto dos educandos, possibilitando um olhar reflexivo em relação aos processos de ensino e aprendizagem. A escola contribui para a potencialização da cultura literária, definindo nos documentos quais percursos os envolvidos no processo da leitura deve almejar.

Durante os estágios IV, V, VI e VII do curso de Letras- português vivenciamos alguns dilemas na sala de aula da EJA com tantas lacunas que envolvem questões sobre o tempo, estrutura e ensino. Tais vivências despertaram os seguintes questionamentos: Qual o lugar da literatura na sala de aula da EJA? De qual metodologia podemos nos apropriar para abordar significativamente a leitura literária na EJA, considerando suas especificidades e a realidade social do educando? São questões que nos inquietam quando pretendemos ler uma obra, como por exemplo, “O quinze”, de Raquel de Queiroz. E, proporcionar a ação- reflexão para que o ensino de literatura possibilite o despertar para outras estratégias nos processos de ensino e aprendizagem.

O ambiente escolar deve ser um dos mais importantes incentivadores de leitura. Assim, iremos refletir sobre a importância da leitura literária na contribuição para os processos de ensino e aprendizagem. Neste diálogo entre EJA e leitura literária iremos identificar a perspectiva de leitura literária na sala de aula da Educação de jovens e Adultos, atribuindo à prática literária a possibilidade de construção de um espaço no desenvolvimento social do educando. Dessa forma, propusemos analisar as contribuições da leitura literária para formação social do educando, relacionando com o contexto da EJA e o papel do(a) educador(a) na prática de leitura literária e também relacionar o contexto da EJA na formação dos educandos.

Realizamos uma pesquisa na Escola Normal Estadual de Ensino Fundamental e Médio Anísio Pereira Borges, situada no município de Santa Rita/ PB com os(as) alunos(as) da EJA do 1º e 2º anos do ciclo V do turno noturno. O questionário foi aplicado na turma com o intuito de compreender a importância da leitura literária nos aspectos escolares e pessoais.

Diante do contexto do ensino de literatura na EJA, surgem inúmeras preocupações a respeito da formação social do cidadão, evidenciada nas esferas comunicativas. Assim, podemos considerar que os aspectos teórico-metodológico no processo de ensino e

aprendizagem sem a ressignificação da prática docente, portanto na formação do leitor literário, poderá ocasionar um efeito desastroso no incentivo à leitura literária.

Para fundamentar a pesquisa dialogamos com: Freire (1967; 1980), Cosson (2011), Cereja (2005), Paiva (1987), Carvalho e Ferrarezi (2017), Rouxel (2013), Dalvi (2013), Pimentel (2007) e Calaça (2016) entre outros.

Este trabalho divide-se em quatro seções, sendo a primeira denominada “A perspectiva do educador na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos” em que buscamos conhecer sobre a modalidade da EJA e as reflexões sobre a aula de literatura de acordo com o perfil da turma; No capítulo intitulado “A construção do espaço de leitura literária na sala de aula da EJA” ressaltamos como a biblioteca vem sendo desarticulada da escola, também discutimos sobre a relação do livro didático com a prática de leitura literária; e no terceiro capítulo “Formação do leitor na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos” refletimos sobre o questionário aplicado com a turma da EJA, possibilitando compreendermos a relação destes estudantes com a leitura literária.

2. A PERSPECTIVA DO LEITOR NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Muitas discussões são realizadas em torno da Educação de Jovens e Adultos, em particular sobre as especificidades que a constituem na sala de aula. Diante desse contexto, podemos destacar que o espaço de leitura na sala de aula, em particular no ensino de língua portuguesa, torna-se um desafio, pois o tempo da duração das aulas, geralmente é o desafio para a prática docente. E, assim, podemos nos questionar sobre as implicações que permeiam os processos de ensino e aprendizagem.

O desafio para a prática de leitura literária torna-se uma constante para que possamos formar leitores protagonistas na construção suas próprias histórias. Assim, estaremos desmistificando, como muitas vezes ocorre no ensino de literatura, a valorização das escolas literárias em detrimento à leitura literária na sala de aula, conforme observa Dalvi (2013, p. 75)

[...] a pequena carga horária destinada às aulas “de literatura”, a pressão dos exames e processos de seleção e a adoção de resumos canhestros das obras que deveriam ser lidas, tudo isso vem coroar uma história de “fracasso” ou “insucesso”, reiterando a ideia de que literatura é algo pra gente “genial” [...].

Nesse sentido, podemos defender que a função da leitura literária é proporcionar liberdade para que o leitor (re)invente, imagine, sonhe, (re)crie, transforme o contexto no qual está inserido. Assim, propor para o(a) educando(a) a prática de leitura literária é traçar estratégias que possibilitem a construção desse espaço.

A relação professor(a) e educando(a) no ato de leitura deve ser realizada de forma prazerosa. Ela não pode ser imposta para o(a) leitor(a), mas sim estrategicamente apresentada. É através do diálogo e, por consequência, o despertar da sensibilidade que provocará o apreço pela leitura. Nesse sentido, Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 50) afirmam que “A escola não é o local de algumas leituras: é o local de todas elas”.

Assim, a escola tem o objetivo de possibilitar a formação de estudantes leitores para que construam com autonomia a sua identidade, a partir da diversidade de textos, como diz em Ferrarezi e Carvalho (2017). Olhar para esse educando e oportunizar a construção de sua identidade de leitor de diferentes gêneros é imprescindível para a formação cidadã. A sala de aula através da leitura literária pode contribuir com a potencialização a emancipação de um estado de *stand by* para que possa ativar cognitivamente a prática de leitura. Então, a proposta de leitura na sala de aula é o desenvolvimento de um trabalho intenso que requer uma análise

prévia de reconhecimento, significação e podemos afirmar que é a preparação para a vida. Dessa forma, vamos a seguir conhecer sobre a Educação de Jovens e Adultos e o processo de formação leitora.

2.1 Conhecendo a Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), segundo a LDB 9.394/96 é uma modalidade da educação básica que possibilita ao jovem, adulto e idoso retornarem para a sala de aula. O educando inserido nesta modalidade de ensino deve ter a idade mínima de 15 anos para estudar no ensino fundamental e, no ensino médio, 18 anos de idade. Além disso, é possível conseguir a certificação através da educação à distância ou semipresencial. Também há a aplicação de prova por competência, como por exemplo, o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) que oportuniza ao candidato a realizar a prova, possibilitando, o recebimento da certificação do ensino fundamental e ensino médio.

Para Paiva (1987), a Educação Popular está intrinsecamente relacionada com a EJA. Assim, não podemos desassociar o ensino e a aprendizagem desse contexto que representa historicamente as lutas e desafios para que todos pudessem usufruir, hoje, das conquistas como o acesso a escola. Muitos desafios foram enfrentados para que as oportunidades de retorno aos estudos sejam asseguradas aos cidadãos que precisam retornar aos estudos com todos os direitos garantidos. É nesse aspecto que a EJA se estabelece como a modalidade de ensino da educação básica que oportuniza o recomeço para a vida de muitos jovens, adultos e idosos.

Muitas leis surgiram no decorrer do processo histórico para fortalecer a garantia da escolarização para os trabalhadores, como por exemplo, em 1870 houve a implantação das escolas noturnas que se expandiram para as províncias, porém, em algumas províncias tais escolas não tiveram êxito, pois a frequência não correspondia ao esperado, como afirma Paiva (1987, p. 167)

Na verdade o estabelecimento de tais escolas não correspondia à demanda ou a pressão pela ampliação das oportunidades educativas para adultos, mas sim à difusão de idéias acerca da necessidade de tais escolas. Por isso, muitos Presidentes de Províncias que se reclamam que “tais escolas não tem produzido os benefícios esperados”, pois “são cada vez menos freqüentadas, sem que para isso haja razão plausível”.

Conforme Paiva (1987), a proibição do voto de analfabetos através da Lei Saraiva em 1880 impulsionou o reaparecimento das escolas noturnas, no entanto não houve avanço considerável.

Ainda segundo Paiva (1987), à medida que as preocupações iam surgindo acerca da rede de ensino elementar, também foram desencadeadas discussões sobre o ensino para adultos. Assim, iniciaram-se várias experiências, em particular, podemos citar a experiência do Distrito Federal que ocorreu em 1928, proporcionando um novo direcionamento para a educação de adultos. A experiência reconfigurou o ensino de adultos, sendo necessário:

[...] reorganizar os cursos elementares noturnos e moralizar o seu funcionamento. Sob nova designação (Cursos Populares Noturnos), tais cursos deveriam ministrar o ensino primário elementar em 2 anos a adultos analfabetos, ensino técnico elementar e cultura geral, sobretudo higiênica, por meio de projeções, demonstrações práticas e palestras populares (PAIVA, 1987, p.168-169).

Paiva (1987) acrescenta ainda que a Revolução de 1930, paulatinamente, fortaleceu o aumento do número de matriculados nos cursos elementares noturnos. Todos esses acontecimentos, de certa forma, impulsionaram a educação de adultos, pois ela “[...] aparecia como um meio e um aspecto da organização política das massas” (PAIVA, 1987, p. 167).

Diversos avanços no processo sócio- histórico foram imprescindíveis para o fortalecimento e desenvolvimento da EJA, Paiva (1987) destaca que em 1947 ocorreu o I Congresso Nacional de Educação de Adultos, e posteriormente o II Congresso Nacional de Educação de Adultos em 1958, homenageando Paulo Freire.

Na década de 1960, surgiram movimentos de alfabetização de adultos pautados na perspectiva Freiriana de educação, ou seja, as campanhas desenvolvidas consideravam o contexto de vida dos sujeitos, utilizando-se de palavras que pertenciam ao cotidiano da comunidade, denominadas de “palavras geradoras”, propiciando um posicionamento crítico e reflexivo diante do contexto social a qual faziam parte. Freire (1967) acreditava que a educação era uma das principais formas de superar a situação de opressão a qual ainda uma parcela da população estava submetida, sendo assim:

Torna-se indispensável reinventar a educação e este trabalho, com que os próprios educadores se reeducam, é um ato político que começa com a afirmação de que a educação é um trabalho político. Um trabalho político que antes estava escondido sob o véu da “missão pedagógica do civilizador” e que, agora, aparece desvelado, como a missão política de participar do

trabalho de libertação também através do ensino, da educação (BRANDÃO, 1989, p. 85 - 86).

Neste aspecto, enfatizamos a dimensão política do processo de alfabetização, assim, as visões de mundo dos sujeitos são valorizadas, enriquecendo as discussões em torno de temáticas significativas que proporcionaram aos seus participantes reflexões acerca de sua situação existencial no mundo.

Alguns movimentos que tinham como inspiração os ideais Freirianos de alfabetização foram a Campanha de Educação Popular (CEPLAR) e De pé no Chão também se aprende a ler. Dentre as várias experiências que ocorreram nesse período, destacamos as “40 horas de Angicos” realizada no Rio Grande do Norte, em que 300 trabalhadores foram alfabetizados em um período de 45 dias. Tais práticas eram sustentadas por uma:

[...] alfabetização direta e realmente ligada à democratização da cultura, que fosse uma introdução a esta democratização. Numa alfabetização que, por isso mesmo, tivesse no homem, não esse paciente do processo, cuja virtude única é ter mesmo paciência para suportar o abismo entre sua experiência existencial e o conteúdo que lhe oferecem para sua aprendizagem, mas o seu sujeito (FREIRE, 1967, p. 104).

É pertinente reconhecermos a grande contribuição de Paulo Freire para a Educação, que a percebia como uma ação política em que a busca permanente pela libertação era possível através do diálogo. Os movimentos de Educação Popular foram interrompidos devido a intensa perseguição durante a Ditadura Militar, pois consideravam que tais práticas eram subversivas, afinal, sentiram-se ameaçados diante de uma educação que tinha como princípios a solidariedade e a liberdade, considerando o homem como sujeito da História.

Com o passar dos anos surgiram várias ações com o intuito de reconfigurar as propostas para a organização da educação de adultos, sendo fortalecido o direito a retornar para sala de aula, possibilitando que o educando consiga finalizar a etapa de escolarização.

A educação de Jovens, adultos e idosos ainda passa por muitas mudanças para conseguir alcançar os objetivos da educação, como afirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996) “Os sistemas de ensino disporão sobre a oferta de educação de jovens e adultos e de ensino noturno regular, adequado às condições do educando, conforme o inciso VI do art. 4º.”

Essa modalidade de educação básica requer em seu contexto alguns aspectos que considerem as especificidades dos educandos, assim, os educadores que atuam na EJA precisam contemplar em sua prática pedagógica as expectativas apresentadas pela turma,

possibilitando um ensino significativo para a consolidação de aprendizagens que propiciem a ressignificação dos conhecimentos, pois:

Jovens, adultos e idosos têm em comum o fato de pertencerem às classes populares e terem sofrido processos de exclusão da escola. Portanto, a escola que assume o compromisso com a Educação de Jovens e Adultos precisa ter competência e sensibilidade para responder às suas expectativas, caso contrário, a nova experiência pode significar a reedição do fracasso (MARTINS; OLIVEIRA; SOUZA; SANTOS, 2016, p. 51).

Logo, a proposta pedagógica para a EJA engloba aspectos que visam a garantia de processos de ensino e aprendizagem que despertem nos educandos o interesse em permanecer na escola, contribuindo para a aquisição de conhecimentos significativos, afinal, o acesso ao espaço escolar deve ser pautado nos princípios de solidariedade e liberdade, viabilizando ações pedagógicas participativas e democráticas, porque se trata

[...] de uma formação em vista de uma relação pedagógica com sujeitos, trabalhadores ou não, com marcadas experiências vitais que não podem ser ignoradas. E esta adequação tem como finalidade, dado o acesso à EJA, a permanência na escola via ensino com conteúdos trabalhados de modo diferenciado com métodos e tempos intencionados ao perfil deste estudante. Também o tratamento didático dos conteúdos e das práticas não pode se ausentar nem da especificidade da EJA e nem do caráter multidisciplinar e interdisciplinar dos componentes curriculares (PARECER CNE/CEB, 2000, p. 58).

Neste sentido, ressaltamos a importância em trabalhar conteúdos escolares de forma diferenciada, percebendo as potencialidades dos sujeitos que constituem a EJA e buscando formas de suprir e intervir nas possíveis lacunas que se apresentem no decorrer dos processos de ensino e aprendizagem. Diante disso, acreditamos que a leitura literária é uma das possibilidades de ressignificar a compreensão da própria subjetividade do educando e seu olhar sobre o mundo, desenvolvendo habilidades e competências que contribuam para o fortalecimento dos processos de ensino e aprendizagem.

O espaço de leitura literária no contexto escolar possibilita uma troca de experiências em que as subjetividades são socializadas, e assim os(as) educandos(as) desenvolvem o pensamento crítico e a contextualização social. Assim, a leitura torna-se uma manifestação que é transformada pelo olhar do(a) leitor(a).

2.2 Leitura literária na aula de literatura

A sala de aula é um espaço que contempla diversos desafios e, em particular, no ensino de língua portuguesa, e mais especificamente, ainda, o ensino de literatura passa por várias ressignificações, seja na metodologia, na prática docente ou em outro aspecto que colabore para essas reflexões. A leitura literária tem uma importância significativa para o processo de ensino e aprendizagem, ainda que na maioria das vezes não seja realizada efetivamente nas escolas, principalmente, no que se refere à modalidade da EJA. É sobre essa preocupação que nos propomos a refletir acerca da leitura literária na EJA.

A literatura pode proporcionar ao leitor na construção de sua identidade. Assim, a (re)apresentação da leitura literária na sala de aula deve ser uma experiência extraordinária em que o leitor ou futuro leitor possa se aproximar cada vez mais, inserindo a leitura no cotidiano escolar. No que diz respeito a isso

Antes de desenvolver nos estudantes o prazer pela leitura, de fazer com que gostem de manipular livros e outros textos, que se alegrem ao ir à biblioteca da escola ou à sala de leitura, que sintam necessidade da leitura como uma experiência feliz - assim como é uma experiência feliz jogar bola ou brincar de boneca - será pura perda de tempo tentar avançar de fase. Se a escola conseguisse, ao menos, desenvolver isso, faria muito mais pela humanidade do que ensinando a tabela periódica dos elementos químicos, o movimento uniformemente variável, a oração substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo (FERRAREZI; CARVALHO, 2017, p. 35 - 36).

Nesse sentido, podemos ter a dimensão de que inúmeras fases foram “puladas” da infância até a fase adulta, referentes à prática de leitura. Essa problemática persiste na modalidade EJA, assim todos os envolvidos devem estrategicamente propor métodos de ensino que oportunizem a formação do leitor.

Mas diante da realidade que permeia a sala de aula, em específico na EJA, não podemos deixar de lado a diversidade cultural que a leitura literária pode proporcionar. Como afirma Rouxel (2013, p.20)

Pensar o ensino da literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico - capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção [...]. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra.

Logo, repensar o ensino de literatura na modalidade EJA é possibilitar que os educandos ressignifiquem o próprio processo de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, os

estudantes exercem o processo de escolarização com autonomia e crítica, juntamente com a mediação do(a) professor(a).

Quando a escola deixa de cumprir um de seus objetivos, sendo que um destes é a formação do leitor, acaba conduzindo o processo de escolarização ao fracasso social. Diante disso, Ferrarezi e Carvalho (2017, p.32) afirmam que “No que tange à leitura, a escola faz a mesma coisa e também erra sistematicamente. O gosto pela leitura é desenvolvido esteticamente.” Nesse sentido, a escola juntamente com o corpo docente são, em muitos casos, os influenciadores para a prática de leitura.

Outro fator importante é o modo como a leitura chega até os educandos. Muitas vezes, quando falamos em leitura na sala de aula nos deparamos com alguns paradoxos, como, por exemplo: muitos estudantes, ao pensar em leitura, vem logo à mente a quantidade de páginas, a exposição da oralidade, a timidez e uma série de fatores que contribuem para que a prática se distancie do cotidiano dos educandos.

Assim, nos perguntamos e refletimos sobre a problemática que permeia a prática de leitura na EJA. Na maioria das vezes, o ensino de literatura é apresentado através da historiografia da literatura e, geralmente, as obras literárias são deixadas em segundo plano. Dessa forma, o papel do(a) professor(a) no planejamento da leitura literária é fundamental diante das especificidades que constituem a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Assim, o ato de ler é umas das atividades que a escola deve promover para ressignificar e desmistificar as lacunas em torno da leitura.

O ensino de literatura, em especial na EJA deve ser desenvolvido com a cooperação de todos os envolvidos: educando- educador- escola- comunidade e as políticas públicas para que seja integralizado de acordo com o contexto social e as especificidades dos educandos.

As competências e habilidades para a formação social do educando devem ser adequadas ao perfil de cada turma e também é necessário considerar as particularidades dos estudantes. Nesse aspecto, o que deve ser reestruturado é o espaço de leitura literária e, essas atribuições mediadas pelo(a) professor(a) com o propósito de formação em que os processos de ensino e aprendizagem sejam ressignificados.

O ensino de literatura na maioria das vezes é pautado na historiografia literária que intensifica o ensino voltado para o cânone português e brasileiro, conforme Rezende (2013, p.101)

A história da literatura centrada no nacionalismo literário ainda é de longe a perspectiva dominante no ensino de literatura, desdobrando-se em sequência temporal uma lista de autores e obras do cânone português e brasileiro e suas perspectivas características formais e ideológicas.

Nesse sentido, quando a obra é apresentada ao educando e ocorre uma prévia seleção de autores que fazem parte do cânone, e que de uma forma geral, não contempla os escritores que não fazem parte das “características formais e ideológicas”, como é o caso de Maria Valéria Rezende. São essas questões que os educadores precisam refletir sobre ensino de literatura e a prática de leitura literária. Então, eles(as) devem propiciar aos educandos a conhecer as obras que não fazem parte do cânone e refletir sobre quais os motivos de não estarem inseridas neste contexto seletivo.

A prática de leitura literária em consonância com a história da literatura possibilitará na sala de aula que o educando(a) faça suas inferências acerca da obra, e assim sua subjetividade e criticidade sejam desenvolvidas habitualmente na prática da sala de aula e na vida. Dessa forma, a prática de literatura no ensino deve ser sustentada por meio da obra literária e por consequência dialogada com a história da literatura. Logo, identificamos a necessidade de refletir sobre como o espaço da leitura literária pode ser construído nas turmas da EJA, possibilitando aos seus participantes o desenvolvimento do pensamento crítico através do contato ativo com a leitura literária.

Os avanços nas conquistas da EJA hoje refletem no direito ao jovem, adulto e idoso a retornarem ao processo de escolarização. O trabalho a ser desenvolvido na modalidade da EJA precisa ser realizado de forma significativa em que os(as) educandos(as) tenham a participação ativa nos processos de ensino e aprendizagem.

3 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DE LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA DA EJA

O cotidiano das escolas públicas brasileiras é bastante heterogêneo. Diante disso, podemos refletir sobre os educadores e também para os educandos que estão inseridos nesse espaço escolar. Na maioria das vezes, a estrutura é precária, os materiais pedagógicos são escassos e a falta de apoio agrava a situação, seja por parte da gestão escolar ou da própria secretaria de educação.

Geralmente, ao nos depararmos com o contexto escolar dessas instituições, identificamos que as práticas pedagógicas desenvolvidas são voltadas para a memorização dos conteúdos, ou seja, não são contextualizados. E, os impactos educacionais se perpetuam a cada ano letivo em que os educandos têm que apresentar as competências necessárias, pois como a memorização é o foco, a aprendizagem é fragilizada.

Uma análise exata das relações professor - aluno em todos os níveis, na escola ou fora dela, revela seu caráter essencialmente narrativo. Esta relação supõe um sujeito narrador: o professor, e supõe objetos pacientes que escutam: os alunos. O conteúdo, seja de valores ou de dimensões empíricas da realidade, tem tendência a converter-se em algo sem vida e a petrificar-se uma vez enunciado. A educação padece da doença da narração (FREIRE, 1980, p. 78).

Conforme a afirmação acima, as relações entre professores(as) e alunos(as), em alguns casos, são estabelecidas pelo autoritarismo, em que o medo prevalece. Tais práticas revelam que há a necessidade da escola se reorganizar, pensando em possíveis alternativas para a modificação de um contexto escolar em que a consolidação da aprendizagem aconteça de forma prazerosa, não por imposição, porém, através de um intenso diálogo entre educandos e educadores.

Diante deste contexto, tratando mais especificamente dos processos de ensino e aprendizagem na EJA, nos questionamos sobre as contribuições da leitura literária na formação social dos estudantes, favorecendo uma aprendizagem contextualizada e reflexiva. Assim, é necessário refletir sobre qual o espaço da leitura literária nesta modalidade de educação e quais as formas de viabilizar o trabalho pedagógico através da utilização das obras literárias diante das particularidades que permeiam a EJA. Pensando nisso, é pertinente nos questionarmos sobre a relevância da utilização da leitura literária nestas turmas.

O processo de leitura na sala de aula requer que a escola esteja com os livros abertos para que os educandos possam ser autores desse processo e não apenas ler para realizar uma

prova ou uma atividade, porque ler deve ser uma construção social que está inerente a qualquer nível ou modalidade da educação básica. Como afirma Dalvi (2013, p.75),

Os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social- econômico-cultural. Principalmente para alunos economicamente desfavorecidos, o acesso ao circuito literário é, às vezes, tão impensável [...]

Diante da afirmação acima, identificamos que em alguns casos, o âmbito escolar é um dos poucos espaços em que os educandos oriundos das classes populares têm a oportunidade de estabelecer contato com as obras literárias, pois infelizmente os livros ainda são percebidos como direcionados a um único público composto por uma minoria que são denominados de “intelectuais”. Frente a essa questão, consideramos que a escola é responsável pela democratização da leitura. Neste sentido, a prática pedagógica deve articular o contexto de vida dos educandos com as leituras literárias, propiciando reflexões sobre como a literatura suscita questões pertinentes sobre os vínculos entre a estrutura social e os momentos históricos em que se desenvolvem.

Logo, quando a escola impossibilita ou seleciona os tipos de obras literárias, percebemos que pode acarretar um desestímulo, pois a leitura passa a ser imposição, além disso, geralmente alguns livros encontram-se empoeirados ou até mesmo lacrados na biblioteca escolar, e esse espaço encontra-se na maior parte do tempo fechado, inviabilizando a utilização por parte dos docentes e afastando os estudantes do contato com a biblioteca. Assim, os educandos não exercem a autonomia, o prazer em escolher o livro para leitura ou até mesmo em participar de uma aula em um espaço diferenciado. Afinal, como despertar o interesse e prazer pela leitura através das aulas de leitura literária?

3.1 Biblioteca escolar: para quê serve?

Com o passar dos anos a biblioteca passou também a compartilhar com outros espaços a atenção dos estudantes, por exemplo: as salas de informática, multimídia e robótica. Sabemos que as gigantes prateleiras, repletas de livros que tornam o processo de escolarização enriquecedor. Não podemos permitir, em alguns casos, que a sala de informática, sendo que essa também pode ser melhor utilizada para o incentivo da leitura literária, multimídia e robótica virem objetos de competição da biblioteca, mas que sejam parte integralizadora nos processos de ensino e aprendizagem.

Quando as escolas pensam nas bibliotecas como possibilidade de incentivar os educandos, principalmente durante as aulas noturnas da EJA, identificamos que há um esforço direcionado para o fortalecimento da autonomia ao selecionar as obras, ler e conhecer quão importante é o hábito de leitura para o desenvolvimento das práticas sociais, assim, percebemos que tal espaço viabiliza a democratização do acesso aos livros.

O Ministério da Educação (MEC) incentiva a fomentação de livros nas escolas públicas brasileiras com o apoio das secretarias de Educação. Segundo o MEC os livros são distribuídos pelas secretarias de Educação no início do primeiro ou segundo semestre com a finalidade de promover a leitura de forma coletiva. Os livros são selecionados pelos professores, por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que é responsável pela compra e distribuição das obras aos estudantes da educação básica.

Os professores e a escola cumprem um papel fundamental para que a leitura se faça presente no cotidiano escolar e extraescolar, ou seja, para que a leitura deixe de ser uma obrigação com a finalidade de se realizar uma atividade ou até mesmo uma avaliação, tornando-se uma ação prazerosa na construção do hábito de leitura. Assim, o educando começa a construir os passos para a formação do leitor crítico - reflexivo.

O papel da biblioteca escolar para a prática de leitura literária é imprescindível para o despertar da autonomia dos leitores, afinal, neste espaço são disponibilizadas uma diversidade de obras em que os estudantes têm a oportunidade de conhecer e escolher quais obras serão lidas. Assim, Ferrarezi e Carvalho (2017, p.63) afirmam que “o acervo precisa ser o mais variado possível, mas sempre de boa qualidade. Livros de todos os tipos e temas, revistas de boa qualidade que atendam aos interesses positivos dos alunos e até material de leitura para horas de lazer [...]”. No entanto, tal contato é dificultado devido ao funcionamento ineficiente da biblioteca, que às vezes não possui bibliotecário que fique responsável para a efetivação de empréstimos de livros aos estudantes, impossibilitando a sua utilização. Em relação “a boa qualidade” do material, sendo este o mais diversificado para que os(as) educandos(as) possam selecionar seus textos.

Diante disso, por que não proporcionar aulas em que leitura literária tenha protagonismo para que a formação leitora comece a ganhar forma através do contato com o acervo literário?

As implicações no uso da biblioteca em relação ao ensino noturno são alarmantes, a maior parte dos educandos não tem acesso à biblioteca escolar, seja por questões de tempo, da aula, e geralmente a incumbência ocorre apenas para o professor de língua portuguesa em ser o responsável desse ato, ou simplesmente está fechada. Muitas vezes a biblioteca é usada para

outras finalidades, como amontoados de livros, perdendo a essência de ser um lugar de transformação e construção.

A representação da biblioteca escolar precisa ser reestruturada não só apenas pelas acomodações físicas, acervos de livros, mas também pelo responsável que atende aos usuários desse espaço. A receptividade é uma das formas de convidar o leitor para a formação leitora. Essas questões são fundamentais para a ampliação do espaço do leitor.

E nada de transformar a biblioteca escolar em depósito de maquetes velhas das aulas de ciências, de livros didáticos usados ou de cadeiras quebradas, por favor! E, por misericórdia, também não coloquem, de jeito nenhum, para cuidar da biblioteca, aquela professora ranzinza que está só esperando a aposentadoria para sumir da escola. Não há problema algum em a pessoa que cuida da biblioteca ser idosa, desde que seja alguém de comportamento positivo e que esteja disponível para ajudar os alunos (FERRAREZI; CARVALHO, 2017, p. 63).

Nesse sentido, a biblioteca é a representação do espaço de leitura nas escolas que deve ser contextualizada com as transformações sociais. Assim, a biblioteca precisa ser um espaço acolhedor, em que os educandos sintam-se convidados a desfrutar das obras literárias. Dessa forma, a leitura literária deve ser articulada e projetada pela escola para que alcance o objetivo de formar leitores e escritores críticos.

3.2 Do livro a leitura literária: as (re)significações para formar um leitor na EJA

No ensino de língua portuguesa, o repensar sobre a prática de leitura literária na sala de aula é compreender em primeiro momento o espaço, o perfil e a comunidade em que a escola está inserida. Então, a partir dessas reflexões o educador irá traçar os objetivos da aula, e selecionar os gêneros literários que serão aprofundados pela turma.

O educador será o mediador que fará a (re)apresentação para a turma da EJA com os mais diversos textos literários. No processo de leitura, o(a) educando(a) irá se familiarizar com as obras desenvolvendo através da sua identidade e autonomia, possibilitando que o(a) educando(a) relacione os conhecimentos prévios com o científico. Nesse sentido, Dalvi (2013, p.154) aponta algumas considerações que o(a) professor(a) poderá refletir sobre o processo de leitura:

- (a) é possível identificar as concepções de sujeito, linguagem-língua e texto que norteiam a obra?;
- (b) essas concepções da obra são condizentes com as escolhas do professor e da instituição?;

- (c) o material é acessível ao público-alvo?
- (d) o material é coeso e, ainda assim, heterogêneo?
- (e) o material e sua apresentação privilegiam a formação de um leitor (professor e estudante) ativo e sócio-histórico-culturalmente responsivo/responsável?
- (f) o material tem qualidade editorial (papel, impressão, ilustrações, suporte à pesquisa autônoma e à produção de conhecimento)?
- (g) o material contempla o conteúdo proposto para a série/ciclo e para os objetivos de ensino e de aprendizagem?
- (h) o material poderá ser utilizado por alguns anos seguidos sem cair na desatualização?
- (i) os textos propostos são integrais e/ou fragmentos coerentes?
- (j) os exercícios, questões, roteiros ou atividades propostos são diversificados, contextualizados, transdisciplinares e apresentam graus distintos de dificuldade?
- (k) o material integra as distintas dimensões dos textos e dos circuitos e sistemas em que estão inseridos?

O livro didático, geralmente, é utilizado como o material didático insubstituível por alguns educadores, sem tentar inserir outros materiais que sejam complementares ao ensino de língua portuguesa. Com o uso de outras ferramentas o(a) educador(a) aperfeiçoará a prática pedagógica de maneira que ocorra a *práxis*, possibilitando que o processo de ensino e aprendizagem torne-se próximo do contexto do(a) educando(a) e das práticas sociais. É essa ação-reflexão que Freire (1980) defende nos processos de ensino e aprendizagem.

As estratégias do educador irão mediar a recepção dos educandos, pois quando o processo de leitura é praticado na sala de aula para tal finalidade o educador se apropria dos métodos. Esses, quando são associados com a prática pedagógica e se aproximam do perfil da turma resultam numa experiência significativa.

As metodologias nas aulas de literatura devem ser planejadas e articuladas com o contexto da turma. Nesse aspecto, iremos realizar uma breve explanação acerca de algumas propostas, como as apresentadas por Cereja (2005) e Cosson (2011). O método do primeiro consiste na perspectiva dialógica, dividida em três categorias: As unidades temáticas, os gêneros literários, a historiografia. O segundo propõe as sequências básica e expandida.

Os procedimentos indicados nesta seção proporcionarão aos educadores reflexões sobre o ensino de literatura. Segundo Cereja (2005, p.162)

Pensamos que quase todas as opções metodológicas de ensino de literatura apresentam vantagens e desvantagens e que o mais conveniente é avaliar qual dessas possibilidades é mais pertinente a cada escola e ao seu projeto pedagógico, levando-se em conta, evidentemente, o corpo de professores e de alunos, as propostas oficiais de ensino, etc.

Logo, abordar e apropriar-se de alguns métodos sobre conciliar a definição de qual perspectivas de ensino que o(a) docente adotará para a prática de leitura. Assim, possibilitar a

reflexão que cada procedimento apresenta de vantagens e desvantagens no ensino de literatura é uma ação que se inicia através do olhar docente para o coletivo, sendo este aguçado pela sensibilidade. Então, essa caracterização deve ser articulada com o perfil de cada turma para que assim transcorra de forma significativa a aproximação do leitor com o texto.

A proposta de Cosson (2011) apresenta duas estratégias, as sequências básica e expandida que conduzirão o(a) professor(a) nos desdobramentos da literatura na sala de aula. Nesse aspecto, divide-se a sequência básica em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A sequência expandida irá incluir as etapas anteriores contidas na sequência básica, e também os seguintes passos: primeira interpretação, contextualização (teórica, estilística, poética, histórica, presentificadora, crítica, temática), segunda contextualização e expansão. O autor propõe estratégias que devem ser estruturadas pelos(as) professores(as), possibilitando um ensino significativo de acordo as especificidades da turma.

O que importa manter é o objetivo de proporcionar ao aluno o conhecimento da literatura que só pode ser feito, antes de qualquer coisa, pela leitura do texto literário. Do mesmo modo, essa leitura não pode ser feita de maneira aleatória, mas sim dentro de um processo de aprendizagem que é dever da escola proporcionar. Ao professor cabe encontrar o delicado equilíbrio entre os interesses da fruição pessoal e as necessidades da escolarização do literário (COSSON, 2011, p. 105).

Nesse sentido, o objeto do ensino de literatura é a obra literária, sendo assim o(a) mediador(a) deve planejar no contexto da sala de aula como essa obra será trabalhada pelos educandos e também os possíveis desdobramentos da leitura. Então, essa prática desafiante conseguirá desenvolver os aspectos cognitivos. Assim, o comprometimento de todos(as) é essencial para que o planejamento seja concretizado.

A escola deve ampliar os espaços de leitura, oferecendo uma diversidade literária que promova a articulação entre a comunidade escolar. Quando a literatura vai além dos limites da sala de aula, sendo disseminada por todos os ambientes, torna-se convidativo para construir o prazer pela leitura em cada espaço do contexto escolar representa o processo de construção da formação leitora.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O foco desta pesquisa é a leitura literária na EJA, enfatizando a importância desta para a formação social dos educandos. Desta forma, buscamos refletir sobre a necessidade da leitura literária nos processos de ensino e aprendizagem da EJA, compreendendo-a como possibilidade de contribuir significativamente para o processo de construção do conhecimento.

Trata-se, assim, de uma pesquisa de abordagem qualitativa que se pautará na pesquisa bibliográfica, pois utilizamos produções teóricas de autores que discutam/reflitam sobre a leitura literária e Educação de Jovens e Adultos, alguns destes são: Ferrarezi e Carvalho (2017); Rouxel (2013); Freire (1967; 1980); Paiva (1987); Cereja (2005) e Cosson (2011). Além disso, também é pesquisa documental porque através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e das Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos compreendemos os aspectos pedagógicos que fundamentam a Educação Básica.

Logo, identificamos a necessidade de realizar a pesquisa de campo para ampliarmos o entendimento de como a leitura literária está sendo trabalhada nas turmas da EJA. Aliás, buscamos identificar quais as percepções que os educandos jovens, adultos e idosos possuem acerca da leitura literária, possibilitando reflexões sobre as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de língua portuguesa, mais especificamente sobre a utilização ou não dela nesta modalidade da educação em uma turma específica.

4.1 Campo e Sujeitos da pesquisa

A Escola Normal Estadual de Ensino Fundamental e Médio Anísio Pereira Borges está situada no município de Santa Rita/PB. É uma das escolas mais antigas da cidade. A estrutura da escola é antiga, mas atualmente está sendo reformada. A instituição oferta os ensinos regular, EJA e Normal/ Magistério, sendo a única escola pública desta cidade que oportuniza a formação pedagógica. De acordo com os dados do site Escolas Brasil, obtivemos informações sobre a estrutura da escola, salas para professores, diretoria, informática e biblioteca. Em relação aos equipamentos, têm apenas 15 computadores e o ambiente escolar tem acesso à internet.

Não foi possível ter acesso às informações do Projeto Político Pedagógico (PPP), pois os responsáveis informaram que o documento não foi encontrado. É lamentável que um

documento tão importante seja colocado em qualquer espaço, deixando o PPP como um material sem importância para a comunidade escolar.

No turno noturno o nível do ensino médio na modalidade EJA é dividido em ciclos: V (turma multisseriada) e VI, que correspondem respectivamente 1º e 2º Anos e 3º Ano do Ensino Médio. Os participantes da pesquisa são estudantes do ciclo V da EJA. A quantidade de educandos(as) matriculados(as) é de 43, no entanto, 26 frequentam as aulas e apenas 20 responderam o questionário. Eles(as) têm idades entre 18 anos e 30 anos, apresentando um perfil bastante misto. Serão identificados através da palavra “Estudante” e com as letras do alfabeto.

4.2 Instrumento de coleta de dados

Como instrumento de coleta de dados, fizemos uso do questionário com questões abertas que objetivaram perceber a perspectiva dos educandos em relação às suas experiências com a leitura literária num contexto escolar e extraescolar.

O questionário contém sete perguntas que foram elaboradas com o intuito de perceber como os educandos entendem a leitura literária; quais leituras literárias os educandos realizaram na sala de aula e quais gostariam de ler, além disso, pretende-se identificar se o professor incentiva a leitura literária e se o método proposto é considerado atrativo por estes leitores em formação. Ademais, indagamos sobre quais são as possíveis contribuições que a leitura literária pode proporcionar à formação social dos educandos, sendo assim, também buscamos saber se os estudantes frequentam a biblioteca escolar, e caso não a frequentassem, compreender o porquê.

A intenção é que o questionário possibilitasse compreender o espaço da leitura literária na sala de aula e também além desse contexto a representação das experiências dos(as) educandos(as).

5 A FORMAÇÃO DO LEITOR NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A escola ocupa um papel fundamental na formação do leitor, e a proposta pedagógica que está inserida no contexto das salas de aula propiciam uma ressignificação na construção desse espaço, sendo articulada com a realidade do educando. O processo de formação do leitor passa por diversas etapas, desde a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) até o planejamento do(a) educador(a). Afinal, o PPP apresenta referenciais teóricos que a instituição de ensino irá propor no planejamento escolar. Dessa forma, essas etapas devem contemplar a realidade escolar e a subjetividade dos educandos.

Na EJA nos deparamos com turmas constituídas pela diversidade de faixas etárias e motivações particulares que os fizeram retornar ao âmbito escolar. São educandos que, em sua maioria, possuem baixa autoestima com relação às suas próprias habilidades, porém, são detentores de sonhos que impulsionam suas trajetórias no processo de escolarização. Frente a essa realidade, o educador tem um papel fundamental em identificar as fragilidades e potencialidades dos educandos, propondo práticas pedagógicas que favoreçam uma aprendizagem significativa.

Neste sentido, propomos compreender as contribuições que a leitura literária podem ocasionar na formação social dos educandos, além disso, identificar a relevância desta para a aquisição de conhecimentos significativos que impulsionam aos estudantes a se reconhecerem como sujeitos atuantes nos processos de ensino e aprendizagem.

O questionário foi aplicado com 20 educandos participantes em uma turma multisseriada da EJA do ciclo V (1º Ano e 2º Ano). A seguir apresentaremos 03 (três) gráficos e 1 quadro sintetizando as respostas dos 20 educandos. Em relação às questões 4), 6) e 7) optamos em não representá-las em gráficos ou quadros, contudo apresentam reflexões sobre a prática de leitura literária.

Nos gráficos 1, 2 e 3 e no quadro 1 vem logo a seguir, verificamos que os educandos descrevem suas impressões em relação ao processo de leitura. Esses dados demonstram a percepção dos educandos sobre as preferências de leitura. No gráfico 1, analisamos as seguintes perguntas:

1. Você gosta de ler? O que você costuma ler?

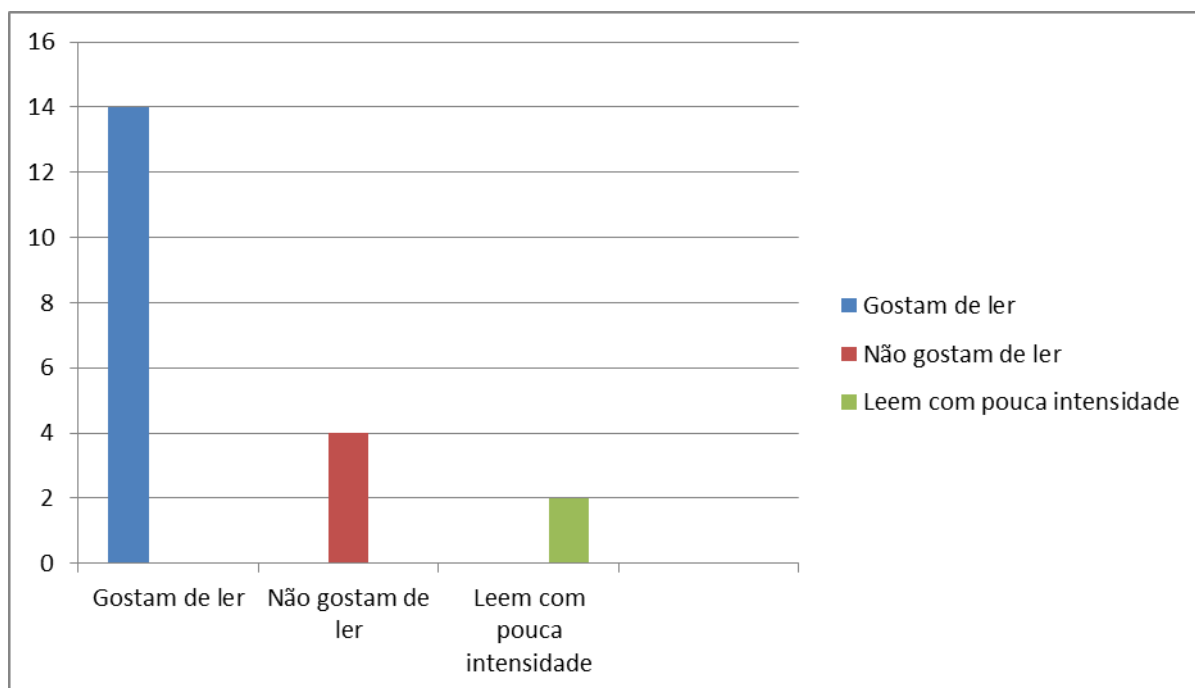


Gráfico 1- Hábito de leitura

No gráfico 1 percebemos que vários alunos responderam que gostam sim de ler, contrapondo que muitos dizem e que circula no senso comum de que o aluno não gosta de ler qualquer tipo de texto. Sendo uma das formas do(a) professor(a) desenvolver o hábito da leitura através das estratégias nesse processo.

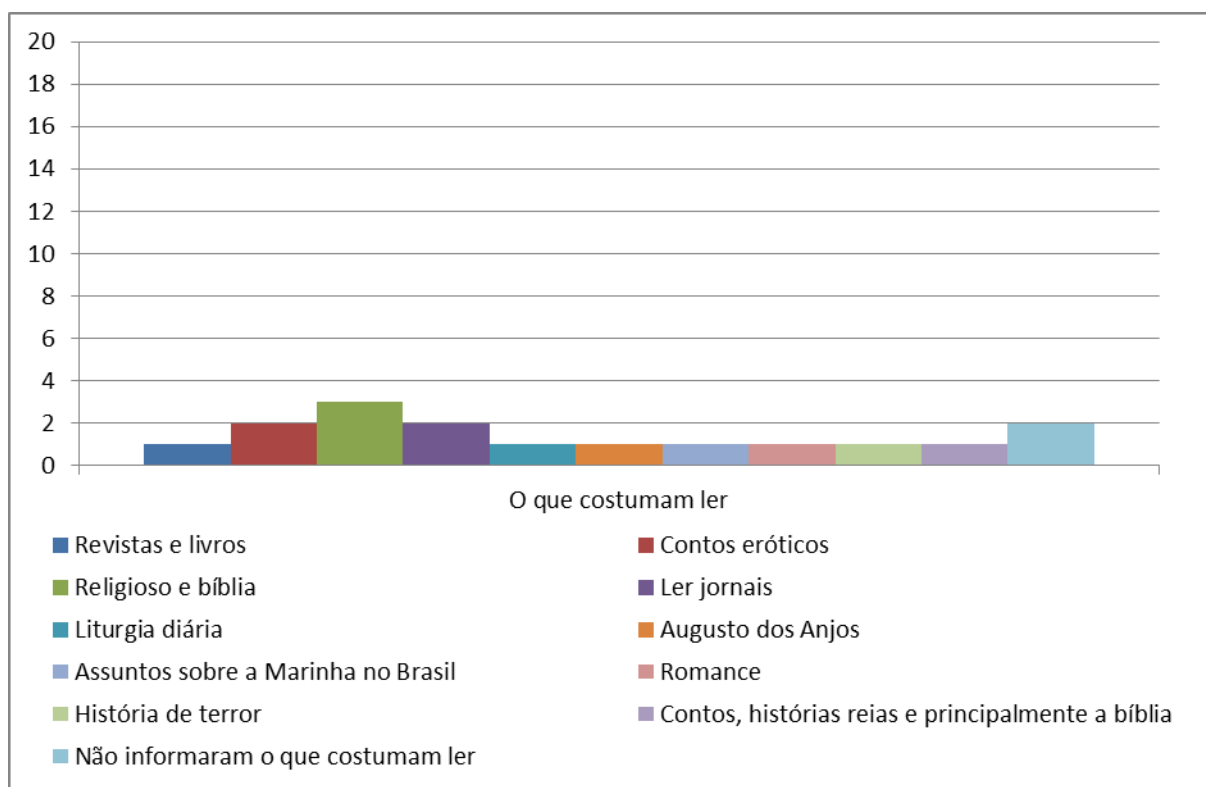


Gráfico 2- O que costumam ler

No gráfico 2 temos a diversidade de textos e de gêneros literários que aproximam os(as) educandos(as) da literatura. É através da subjetividade dos(as) educandos(as) que o(a) educador(a) terá um vasto material para ser desenvolvido nos processos de ensino e aprendizagem. Assim, propor a articulação de obras literárias, ou até mesmo gêneros textuais/discursivos, na sala de aula é estabelecer que a construção do espaço literário torne-se um elo entre a escola e a sociedade.

Também questionamos os estudantes sobre a visita à biblioteca, com as seguintes questões:

2. Você costuma ir à biblioteca para retirar livros de literatura? Que tipo de livros você retira na biblioteca?

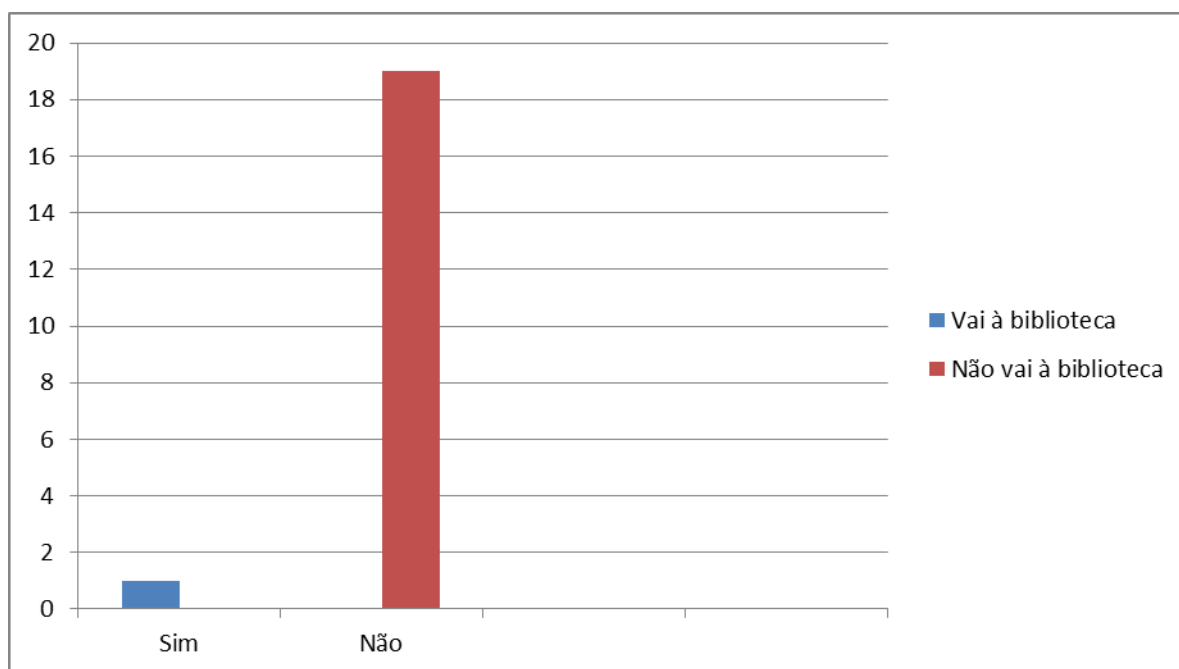


Gráfico 3- Visita à biblioteca

No gráfico 3 verifica-se que apenas 01 (um) estudante vai à biblioteca ler livros que abordam assuntos relacionados a conhecimentos pedagógicos. Diante da resposta do(a) educando(a) observamos que uma de suas metas é conseguir uma formação na área da educação. Temos 19 estudantes que não retiram livros da biblioteca, e apenas 05 justificaram os motivos.

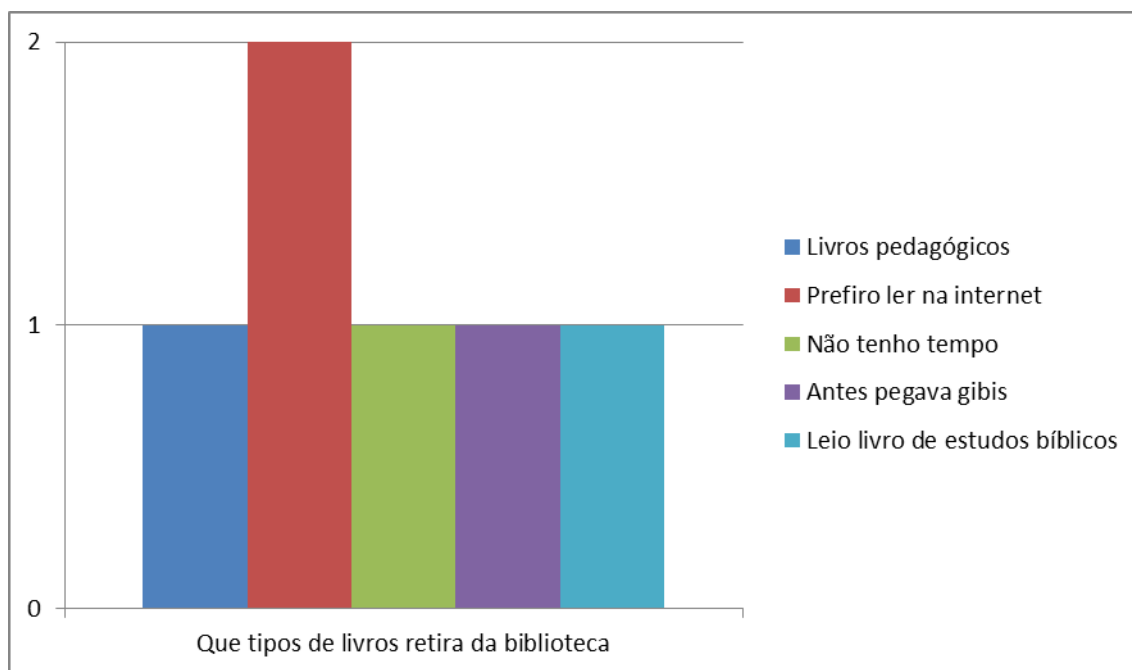


Gráfico 4 - Tipos de livros que retiram da biblioteca

Observamos que a maioria prefere acessar textos¹ na internet. Há ainda o contato com textos da esfera religiosa, muito comum nessa turma da EJA. Outro alegou, ainda, a falta de tempo para frequentar a biblioteca e um deles(as) informou que antes lia gibis. Por outro lado temos um estudante que ler livros sobre assuntos pedagógicos.

Concluimos, assim, que a utilização da biblioteca no espaço escolar está em declínio, surgindo a necessidade da criação de estratégias para que tal espaço ganhe visibilidade. Quais estratégias devemos propor para fazer desse ambiente mais acessível de acordo com a realidade dos educandos(as)? O primeiro passo é o incentivo à leitura através da mediação do(a) professora(a) e depois construir um espaço que contemple a realidade dos(as) educandos(as). Dessa forma, o trabalho interdisciplinar deve possibilitar que os(as) educandos(as) desenvolvam com a mediação de outros(as) professores(as) a pesquisa, e principalmente o hábito de leitura.

No Gráfico de número 5 computamos dados das seguintes perguntas:

3. Você tem contato com textos da literatura somente na escola? Quais outros lugares você tem contato com a literatura (na sua casa, no trabalho, na igreja, etc)?

¹ Inferimos que seja contato com texto, mas poderia ser acesso para jogos, filmes, redes sociais, dentre outros que a internet, em sua infinita gama, oferece.

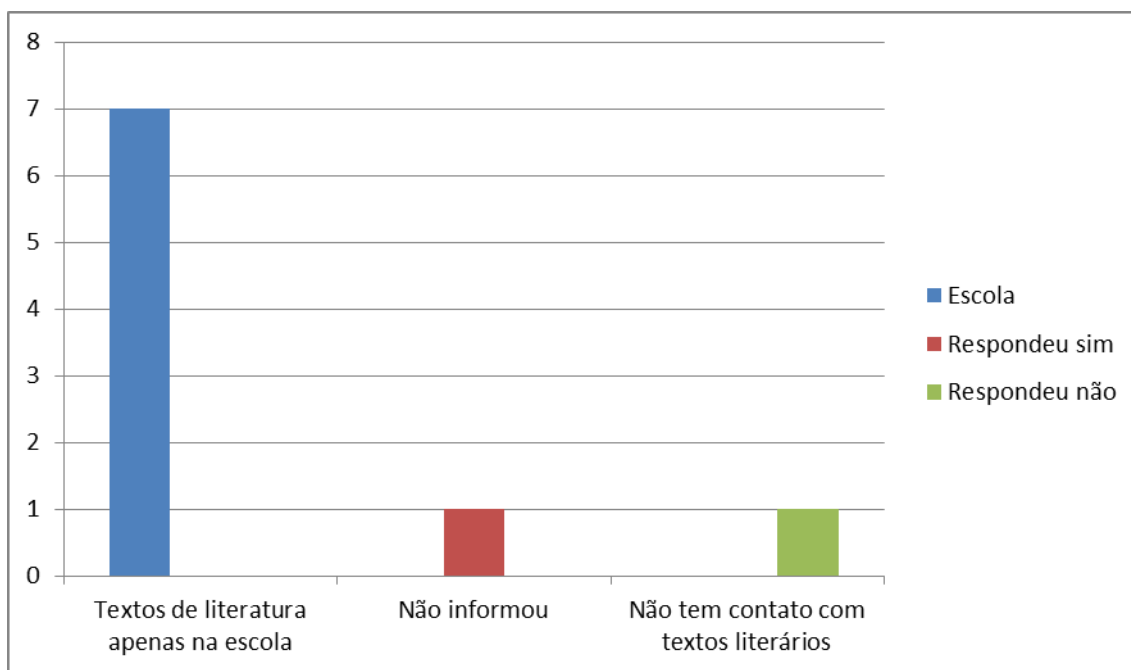


Gráfico 5- Contato com textos literários

Em relação ao Gráfico 5, observa-se que apenas 01(um) não respondeu e outro afirmou que não tem contato com textos literários. No entanto, 07 (sete) educandos(as) leem ou têm contato com textos literários na escola, sendo a instituição um dos principais locais de acesso a textos literários.

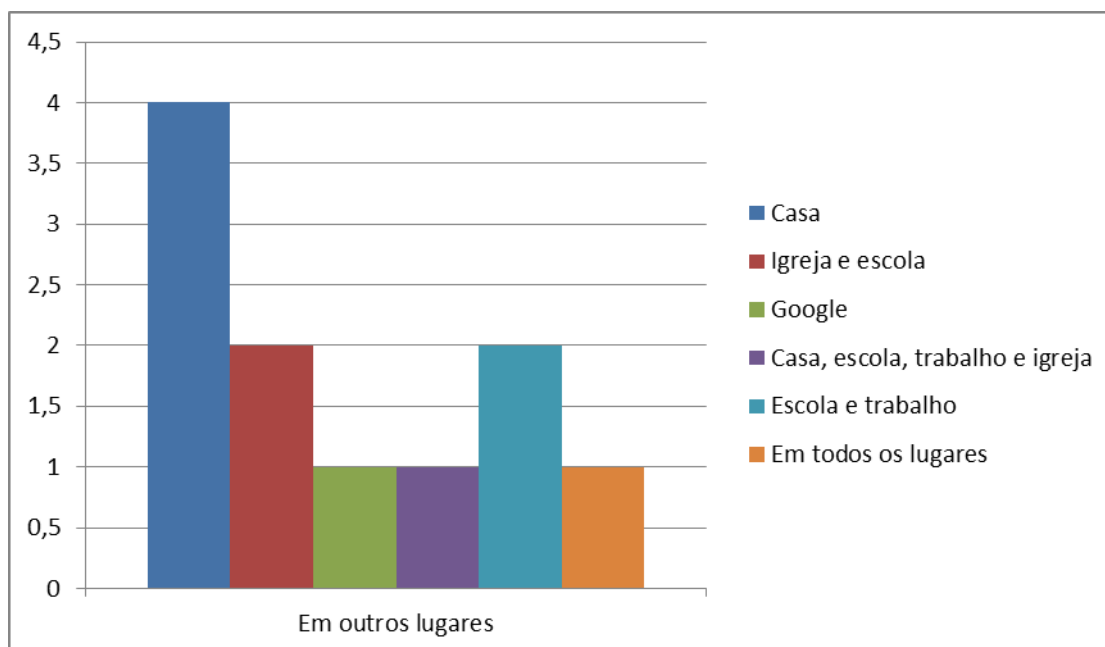


Gráfico 6- Contato com textos literários em outros lugares

Podemos observar que a casa é o segundo lugar mais frequente, depois da escola, para o contato com a literatura: 04 (quatro) têm contato em casa. Na resposta combinada com

escola e outro lugar, a igreja e o trabalho aparecem com mais frequência. Esse dado reflete a vida do sujeito da EJA: trabalhador e religioso desta turma. O que, evidentemente, anuncia que uma vida restrita entre *trabalho – escola – igreja*. Assim, podemos destacar que a escola e a casa são os locais em que o contato com a literatura é mais frequente. A escola é, então, um lugar privilegiado para se explorar ainda mais o trabalho com a literatura.

Com relação às atividades de leitura literária nas suas aulas, o quadro 1 contextualiza a presença (ou a ausência) da literatura nas atividades dos alunos da EJA:

5. Há atividades de leitura literária nas suas aulas? Cite alguns textos literários que foram lidos em atividades de leitura na sala de aula. Que textos gostaria de ler na sala de aula?

Respostas dos(as) educandos(as):

Estudante “A”: sim as vezes, não me recordo no momento.
Estudante “B”: não lembro não sei
Estudante “C”: não tem nem ventilador vai ter aula de literatura mas eu gostaria que tivesse
Estudante “D”: até agora não foram feitos nenhuma atividade extrema Fernando pessoa
Estudante “E”: Sim.
Estudante “F”: Sim. Iracema
Estudante “G”: até agora não foram feitas nenhuma atividade literária.
Estudante “H”: não sei nenhum
Estudante “I”: por enquanto Apenas filosofa pelo fato de ter iniciado as aulas a pouco tempo.
Estudante “K”: sim cido texto: Ivo viu a bola. E a bola viu, ivo.

Estudante “L”: até agora não foram feitas nenhuma atividade literária textos de Fernando Pessoa.
Estudante “M”: Até agora não estudei literatura
Estudante “N”: até agora esse contato não foi realizado.
Estudantes “J – O – P – Q – R – S – T ”: Não responderam a questão.

Quadro 1- Atividades sobre leitura literária

No quadro 1, identificamos que as práticas de leitura na sala de aula se distanciam das obras literárias, inclusive, alguns estudantes manifestam em suas respostas o desejo de ler as obras de alguns autores, como por exemplo: Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos e José de Alencar. Diante de tais respostas, percebemos que estes educandos sentem a necessidade da representação da cultura literária nas aulas. O(A) estudante “K” traz sua indignação sobre as atividades de leitura literária ao afirmar que leu texto como: “Ivo viu a bola. E a bola viu, ivo.”, percebemos a forma não só infantilizada na seleção do texto para ser trabalhado na sala de aula, mas também um trabalho com frases descontextualizadas para os Sujeitos da EJA e para a proposta atual de trabalho com o texto e com os gêneros na sala de aula . A(O) estudante “C” relaciona a estrutura da sala de aula ao afirmar a falta de “ventilador” em consonância com a falta de literatura na sala de aula, destacando em sua opinião o “privilégio” que muitas vezes a literatura ocupa no contexto escolar.

Selecionamos 04 questionários para representar o perfil da turma por amostragem, com o intuito de perceber a compreensão destes sobre a leitura literária, propiciando o entendimento de como esta tem sido trabalhada na EJA, ademais, identificar suas relações com a leitura literária no processo de escolarização.

As perguntas envolveram os seguintes temas: o que os estudantes gostam de ler e o que costumam ler; se usam a biblioteca e os tipos de livros que retiram dela; se o contato com os livros é feito apenas na escola ou em outros lugares; o que eles entendem por leitura literária; se há atividades de leitura literária na EJA, quais textos são lidos e quais gostariam de ler; o modo como a literatura é trabalhada na sala de aula e quais as contribuições da leitura literária para a formação social.

Em relação ao hábito de leitura, notamos que a maioria dos estudantes informou que gostam de ler, outros responderam que gostam, porém leem pouco e alguns não leem. Em

alguns casos, os hábitos de leitura dos educandos estão relacionados pelos interesses pessoais, refletindo suas realidades de mundo.

1. Você gosta de ler? O que você costuma ler?
“De vez em quando leio, mas não com bastante frequência, gosto de ler contos, histórias reais e principalmente a bíblia”. (Estudante A, 2019)
“sim revistas e livros” (Estudante B, 2019)
“Sim adro, principalmente as obras de Augusto os Anjos.” (Estudante C, 2019)
“Sim. gosto de ler assuntos sobre a marinha do Brasil” (Estudante E, 2019)

As indagações dos educandos demonstram que o gosto pela leitura está inserido no contexto social deles de acordo com os ideais de vida, como o estudante “E” que deseja seguir carreira militar. O estudante “A” costuma ler às vezes diversos gêneros literários, como: contos, histórias reais e também a bíblia. Já o aluno “C” lê revistas e livros. Os educandos a partir das suas preferências pela leitura demonstram a importância através da subjetividade de cada um e a autonomia nas escolhas dos gêneros textuais e literários para o cotidiano.

No que diz respeito à ida dos educandos à biblioteca para retirar livros e quais seriam estes, os educandos “A”, “B” e “C” afirmaram que não frequentam o espaço. Já o estudante “E” também não vai à biblioteca, porém justifica o motivo pelo qual não comparece devido ao tempo dedicado aos estudos. O espaço de leitura que deve ser fomentado pela escola na maioria das vezes acaba não atraindo os educandos para a cultura de leitura.

E para essa construção cultural da condição de um leitor competente de literatura e da condição mediadora do professor, na sala de aula, são necessários saberes específicos e práticas frequentes de leitura das dimensões dialógicas (estabelecidas entre autor, texto e leitores) e das dimensões ambivalentes (firmadas entre o texto e o seu contexto); pois, se essas dimensões do texto e do contexto não forem exploradas no ato da mediação docente, a leitura do aluno fica reduzida à compreensão literal das estruturas linguísticas do discurso verbal; e desligado do contexto, o texto perde sua funcionalidade pragmático-social, no processo escolar de formação crítica dos leitores de literatura (TREVIZAN; GEBRAN; GUIMARÃES, 2017, p. 190).

É nesse percurso que a leitura literária precisa ser consolidada nas salas de aula, de forma reflexiva. O exercício da autonomia na prática de leitura deve ser incentivado e compartilhado através de oficinas de literatura, ou seja, com a mediação do(a) educador(a)

oportunizar que a leitura ultrapasse as barreiras entre leitor(a) e autor(a) por meio do diálogo para que ocorra o desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem significativos.

2. Você costuma ir à biblioteca para retirar livros de literatura? Que tipo de livros você retira na biblioteca?

“Não, não retiro nenhum livro” (Estudante A, 2019)

“não” (Estudante B, 2019)

“geralmente não.” (Estudante C, 2019)

“Não, pois me falta tempo, estudo o dia todo.” (Estudante E, 2019)
--

Diante das afirmações acima, temos um reflexo de como esse espaço de leitura é construído e de como algumas escolas deixam de lado a aproximação dos(as) educandos(as) com os livros. Dessa forma, uma escola que não promove a articulação do corpo discente com a biblioteca age de forma negligente.

O fato é que, em uma escola pensada para ser assim, não há lugar para uma biblioteca de verdade e seu conteúdo transformador. É por isso - e não por acaso! - que ela quase não existe mais. Envolvidos com excesso de conteúdos técnicos e pressionados por constantes avaliações externas, professores e alunos não têm tempo para sentir falta das bibliotecas escolares, do que dentro delas deveria haver nem do que nelas um dia se fez (FERRAREZI; CARVALHO, 2017, p. 57).

Assim, podemos afirmar que a biblioteca poderá ser a local mais organizada e agradável, que possibilita aos educandos assumirem a postura de leitor. Ter um espaço de acolhimento para essa formação é imprescindível, pois a escola, juntamente com o corpo docente, estará estruturando o cotidiano escolar, incluindo nele a leitura.

Quando questionados sobre o contato com a literatura e em quais outros lugares (casa, trabalho, igreja, etc), os educandos “A” e “E” afirmaram que tiveram contato com a literatura apenas na escola. O estudante “B”, além de ter contato na escola também teve em casa, trabalho e na igreja. O discente “C” teve contato com os livros na casa da avó. Dessa forma, percebemos que a literatura perpassa os muros das escolas, e tais respostas revelam uma boa notícia, no entanto, precisamos perceber como a escola apresenta os livros de literatura na modalidade da EJA e como essa formação leitora é construída ou até mesmo fortalecida no espaço escolar.

3. Você tem contato com textos da literatura somente na escola? Quais outros lugares você tem contato com a literatura (na sua casa, no trabalho, na igreja, etc)?
--

“Tive na igreja e na escola nos textos para estudar”. (Estudante A, 2019)

“não - casa trabalho na igreja e escola” (Estudante B, 2019)
--

“Na verdade tenho mais contato com livros na casa da minha avó” (Estudante C, 2019)

“Sim.” (Estudante E, 2019)

No ensino de literatura, temos que estabelecer de forma harmônica as relações entre a tríade educador - obra - educando que se fará presente no cotidiano das aulas de literatura. Neste sentido, Tinoco (2013, p.143) afirma que “Uma leitura assim dialógica se faz por meio de um processo consciente em que ela, produtivamente, mostra-se como representação de consciência que busca *quem* é o sujeito que lê e o *quê* é o objeto lido, pois o ato de ler é mais um reflexo básico do hábito de ler.”

É nesse contexto que o perfil de leitor começa a ser ampliado ou até mesmo iniciado. Assim, a construção identitária do(a) educando(a) começa a ser consolidada no processo da formação leitora.

No quesito referente ao que os educandos entendem por leitura literária obtivemos as mais diversas respostas e também a não compreensão por parte de alguns, como: estudante “A” considera que a leitura literária é um modo de fazer compreender e evoluir; educando “C” afirmou que são obras poéticas; o discente “B” dimensionou a leitura como vários textos que devem ser lidos e o educando “E” respondeu que não sabe, em alguns casos a falta de discussões na sala de aula, ocasiona por muitas vezes o desinteresse em determinados assuntos.

4. O que você entende por leitura literária?

“Uma leitura em um modo de fazer compreender, evoluir com a leitura.” (Estudante A, 2019)

“ela de tudo um pouco” (Estudante B, 2019)
--

“obras poeticas.” (Estudante C, 2019)

“Sim.” (Estudante E, 2019)

A leitura literária é compreendida pelos educandos a partir de suas particularidades, das vivências e do modo que a significação de cada um constitua o entendimento sobre a leitura literária. Nessa dimensão acerca da leitura literária, é possível afirmar que esta temática, na maioria das vezes, não é dialogada com os educandos na sala de aula.

A leitura literária na escola, portanto, precisa ter objetivos e práticas pedagógicas bem definidos que não devem ser confundidos simplesmente com o ensinar um conteúdo sobre a literatura, nem com uma simples atividade de lazer. Assim como é preciso superar a dicotomia da divisão entre leitura ilustrada e leitura aplicada em favor da presença de ambas na formação do leitor, também é preciso que se supere a oposição entre ensinar e mediar em favor da aprendizagem da leitura literária (COSSON, 2015, p. 169).

Nesse sentido, os(as) educandos(as) desvinculam dos gêneros literários, em sua maioria das vezes, as obras literárias, como: crônica, conto, romance, novela e entre outros gêneros literários. É nesse ato de ler que as mais diversas manifestações que realizamos na prática que a leitura literária se materializa. No glossário disponibilizado no site do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), Paulino aponta que:

A leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções.

Percebemos que o diálogo na sala de aula sobre leitura literária está distanciado do contexto social e por consequência os educandos não discutem a temática, ou seja, quando se apropriam da literatura muitas vezes acaba sendo privilegiada a historiografia. Dessa forma, não há uma relação cultural com o contexto dos educandos.

Além da pergunta sobre as atividades de leitura literária que são realizadas em sala de aula e quais obras foram lidas, questionamos também sobre que textos gostariam de ler durante as aulas. Diante das respostas, é evidenciado que a leitura literária é pouco abordada

em sala de aula, inclusive, os estudantes que afirmaram ter atividades deste tipo não informaram quais textos foram lidos nessas atividades. O educando “A” afirmou que às vezes tem, mas não recorda. O educando “B” foi categórico ao dizer que não lembra e não sabe quais textos foram trabalhados.

Na resposta do discente “C” é perceptível sua indignação em relação à infraestrutura precária da sala de aula, pois além de afirmar que não há aulas de leitura literária, também deixa explícito que nem sequer há ventilador, mesmo assim, expressa o desejo em ter aulas desse tipo. Já o estudante “E” diz que sim, mas não justifica quais são as obras lidas. Alguns afirmaram gostar do modo como as aulas de leitura literária acontecem, porém, não justificaram o que os agrada nestas aulas.

5. Há atividades de leitura literária nas suas aulas? Cite alguns textos literários que foram lidos em atividades de leitura na sala de aula. Que textos gostaria de ler na sala de aula?
--

“Sim as vezes, não me recordo no momento.” (Estudante A, 2019)
--

“não lembro não sei” (Estudante B, 2019)
--

“não tem nem ventilador vai ter aula de literatura mas eu gostaria que tivesse” (Estudante C, 2019)

“Sim.” (Estudante E, 2019)

Assim, podemos refletir sobre as aulas de literatura e como os aspectos teóricos-metodológicos contribuem para que a proposta do(a) docente seja realizada de forma significativa. Dalvi (2013, p.81) aborda alguns princípios de (a) a (p) para desenvolver a literatura na escola, dentre eles iremos destacar os seguintes:

(a) Tornar o texto literário “acessável” e “acessível”: é necessário que a literatura não apenas esteja disponível em todos os lugares da escola, mas que seja tornada compreensível, discutível, próxima.

(c) Familiarizar os leitores em formação com todos os gêneros (poema lírico, poema narrativo, carta, bilhete, peça, esquete, piada, provérbio, tirinha, poema visual, narrativa curta, narrativa longa), suportes e modos de apresentação (visual, verbal, fílmica, musical, escrita, oral) do texto literário que forem possíveis - como parte inerente a esse trabalho, é necessário discutir tudo isso (a linguagem, o gênero, o suporte, o modo de apresentação, o estilo) com a equipe escolar e com os estudantes.

(e) Valorizar o contexto de escrita e leitura - e, claro, de acesso - para a constituição de saberes sobre o literário.

(o) Inserir os estudantes em circuitos ou sistemas mais e mais amplos: bibliotecas, salas de leitura, feiras culturais e literárias, lançamentos, frequência a sebos, rodas de leitura, mesas de debates, encontros com escritores, ilustradores e tradutores, leitura de críticas e resenhas jornalísticas, pesquisa na internet, criação de adaptações, paródias, homenagens, recriações, traduções.

A literatura em suas diversas formas de manifestação precisa ser proposta através de objetivos que direcionem o papel docente, o(a) educando(a) e a escola, possibilitando a ação-reflexão nos processos de ensino e aprendizagem.

Na questão sobre a forma como a leitura literária é trabalhada em sala de aula, alguns estudantes reiteraram que não há aulas de leitura literária, outros informaram que não gostavam e que não sabiam expressar bem o porquê.

6. Você gosta do modo como a literatura é trabalhada na sala de aula? Explique por que/ ou / justifique sua resposta.
--

“Não, não sei expressar bem mas sim.” (Estudante A, 2019)

“sim aprendo muito” Estudante B, 2019)
--

“Não temos aula de literatura” Estudante C, 2019)

“Sim.” Estudante E, 2019)

Neste sentido, percebemos que as respostas dos estudantes complementam a questão anterior, pois a leitura literária torna-se distante do espaço da sala de aula. Apesar de termos métodos que abordam a literatura de forma dialógica, reflexiva e contextualizada, a prática de literatura, em alguns casos, continua sendo desarticulada do perfil da turma e dos objetivos a serem alcançados no ensino de língua portuguesa. Assim, a proposta deve ser realizada com significação para que os processos de ensino e aprendizagem sejam contemplados de acordo com práticas de ensino que visem a autonomia e o despertar do olhar crítico dos estudantes frente às questões sociais, pois:

[...] cabe ao professor, em seu papel de mediador, planejar/elaborar atividades de leitura potencialmente significativas e questionamentos, acerca do texto, que estabeleçam motivações e necessidades, a fim de que a leitura do seu aluno não fique apenas num nível de decodificação, mas ultrapasse para um nível de compreensão (PIMENTEL, 2007, p. 162).

Na última questão sobre as contribuições da leitura literária para a formação social, o estudante “A” aponta que a contribuição para a sua formação social é a de possibilitar através da leitura um avanço intelectual que interfere nos modos de agir, sendo assim, percebe-se que este educando atribui à leitura o significado de crescimento pessoal. Na resposta do estudante “B” a intertextualidade em sua opinião por meio da citação filosófica que representa os valores que a leitura literária atribui à formação social, dessa forma, ao relacionar o conhecimento com o poder, identificamos que o educando reconhece a importância da leitura para a ascensão social. Já os estudantes “C” e “E” não justificaram suas respostas e se restringiram a responder “sim” e “nada” respectivamente, ou seja, demonstram não perceber quais as contribuições que a leitura literária tem a oferecer para a própria formação social.

7. Quais contribuições a leitura literária pode proporcionar para sua formação social, isto é, para a sua vida cotidiana?
--

“Uma evolução mais de compreender e crescer a base da leitura em nossos modos” (Estudante A, 2019)

“ler é saber e saber é poder.” (Estudante B, 2019)
--

“sim” (Estudante C, 2019)

“Nada” (Estudante E, 2019)

Diante dessas respostas, notamos que a visão sobre a leitura literária destes estudantes se configuram como a representação do contexto que vivenciam no espaço escolar e extraescolar. Assim, as impressões dos estudantes “A” e “B” indicam que a contribuição da leitura literária para a formação social está vinculada a ampliação do conhecimento de si e do outro, ou seja, o diálogo entre o individual e coletivo na construção do conhecimento. Com relação às respostas dos estudantes “C” e “E” é evidenciado que para um deles há a contribuição para a formação social, no entanto, não desenvolvem quais contribuições são essas. Já o outro demonstra não perceber contribuições para a sua formação social. O hábito de ler é fundamental no processo para a construção da formação leitora que por consequência ocorre a troca de experiência com o contexto social e histórico.

Ler, é assim, apropriar-se de um produto cultural, gerado intencionalmente por um ou mais autores inseridos em determinada comunidade. É entrar em contato com um objeto histórico e social, construído ideologicamente,

através do qual o sujeito marca sua presença na coletividade em que vive. A atividade de leitura propicia, por isso, a expressão do leque de experiências do sujeito, que passa a interagir com novas ideias e sentimentos, novas formas de conceber o mundo e as relações humanas (AGUIAR, 2013, p. 154).

A leitura literária pode se tornar uma via de múltiplas possibilidades para que os educandos construam os seus posicionamentos com sensibilidade, subjetividade e criticidade com as vivências do texto e o mundo. Então, promover a leitura é ultrapassar as barreiras das salas de aula e, por conseguinte ressignificar as práticas de ensino. E, assim compreender o desenvolvimento social dos(as) educandos(as), oportunizando que as relações entre o sujeito e o coletivo sejam estabelecidas de forma harmoniosa.

O questionário aplicado com a turma do Ciclo V apresenta em seus discursos trajetórias de recomeço de vida, de esperança que por muitas vezes não é discutida na sala de aula. Dessa maneira, silenciam os sonhos, os objetivos, as metas e por consequência desconsideram as contribuições para os processos de ensino e aprendizagem. As vozes que deveriam ter espaço, na comunidade escolar, acabam seguindo, na maioria das vezes, sem ser percebida no contexto escolar.

Na construção do processo de leitura literária, verificamos que a coletividade nessa proposta fortalecerá os vínculos entre escola, educandos(as) e a prática docente. Assim, as estratégias de leitura literária na sala de aula possibilitam que as particularidades dos(a) educandos(as) sejam articuladas com o contexto social.

Portanto, praticar leitura na sala de aula passa também pela ressignificação, da prática docente pela construção um ambiente escolar que possibilite a formação crítica dos educandos. Essa contribuição ativa fortalecerá a formação educacional e a transformação social. São os educandos com a criatividade, com os conhecimentos de mundo, com a superação dos desafios e a capacidade de recriação que possibilitarão ampliar o olhar dos(as) educandos(as) por meio de outros horizontes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária é apresentada e articulada com o contexto dos(as) educandos(as) e a partir disso o(a) professor(a) poderá ressignificar sua prática pedagógica. A prática de leitura literária é fundamental para que o(a) educador(a) desenvolva suas habilidades e a sensibilidade para conhecer o mundo do outro: seus sonhos, anseios, medos, dúvidas.

No entanto, é preciso considerar que a instituição escolar é constituída por vários atores, dessa forma, o engajamento na busca de um trabalho significativo com a leitura literária deve ser coletivo. Quando a escola dialoga com a necessidade do corpo docente e discente e propõe a elaboração de projetos que construam com a cooperação de todos os envolvidos, e essas relações se consolidam no cotidiano escolar, os processos de ensino e aprendizagem apresentam sentidos. Sendo essas experiências fortalecidas e analisadas na construção da formação leitora.

Nesta pesquisa, compreendemos que o primeiro passo para que a formação leitora seja estimulada e praticada é ter a sensibilidade e o compromisso com o diálogo dos(as) educandos(as), e a partir daí relacionar suas subjetividades com os projetos da escola e a prática docente. Essa tríade deve contribuir de forma dialógica para o acesso e a prática de leitura literária, possibilitando o desenvolvimento na modalidade da EJA, que é cercada de especificidades como as questões sobre o tempo de aula, a realidade dos educandos e a falta de estrutura.

A prática de leitura literária é uma construção possível nas salas de aula da EJA, pois com essa proposta da ação - reflexão nos processos de ensino e aprendizagem será desenvolvida com significação. Assim, compreender a escola como espaço de formação leitora é fazer de cada ambiente um lugar harmonioso, em particular, a biblioteca sendo constituída por uma diversidade de obras literárias para ser compartilhada com a comunidade escolar.

O papel do(a) docente é imprescindível nessa construção de saberes que são compartilhados entre educandos(as) e a escola. Assim, na formação continuada que se concretiza no espaço da sala de aula o(a) professor(a) se apropria de metodologias, adequando sua prática ao contexto da turma.

A pesquisa aplicada através do questionário na turma da EJA ciclo V possibilitou compreender que a leitura literária é um processo de construção em que o diálogo com os(as) educandos(as) da EJA torna-se imprescindível para o desenvolvimento da prática literária.

Portanto, o(a) educador(a) é o mediador(a) de incentivo, encantamento, prazer pela prática de leitura, e assim a cultura literária se torna um processo de transformação social. Retornamos a pergunta inicial: é possível desenvolver a prática de leitura literária na EJA? O contexto da sala de aula sem a prática de leitura se torna um espaço fragilizado em todos os aspectos. Diante disso, acreditamos que é possível propor a prática de leitura literária na sala de aula da EJA através da realidade dos educandos, de propostas teórico-metodológica e dos documentos oficiais trazer para esta modalidade as obras literárias. Assim, consideramos essencial a leitura como proposta para garantir que o exercício da autonomia, reflexão, criticidade e subjetividade sejam contemplados tanto na escola quanto na sociedade.

7 REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Do método ao sistema, do sistema ao sonho. In: _____. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 81 - 101.

BRASIL. **Agenda Territorial de EJA**. Brasília, DF, © 2018 [s-d]Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32737-eja>. Acesso em: 12 jan. 2019.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei no 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 22 jan. 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. PARECER CNE/CEB 11/2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**, Brasília, DF, 2000. Disponível em: http://confinteabrilmais6.mec.gov.br/images/documentos/parecer_CNE_CEB_11_2000.pdf. Acesso em: 30 jan. 2019.

BRASIL, Escolas. © Escolas Brasil. Todos os direitos reservados. [s.d] Disponível em: <https://www.escolasbrasil.org/PARAIBA/SANTA-RITA/25099507>. Acesso em: 01 abr. 2019.

BRASIL. **Pesquisa Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Brasília, DF, © 2018 [s-d] Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12516-pnbe>. Acesso em: 23 fev. 2019.

BRASIL. **Programa Nacional do Livro Didático**. Brasília, DF, © 2017 [s-d] Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/funcionamento>. Acesso em: 10 maio 2019.

CALAÇA, Suelídia Maria (Org.). Um perfil do jovem de origem popular na educação de jovens e adultos e no ensino médio regular nas escolas públicas da Paraíba. In: _____. **Juventude de origem popular, educação de jovens e adultos e ensino médio no projeto PET/ Conexões de Saberes**. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 43 - 62.

CEREJA, William Roberto. O dialogismo como procedimento no ensino de literatura. In: _____. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005. p. 162 - 195.

COSSON, Rildo. A prática da Leitura Literária na escola: Mediação ou ensino? **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 161-173, set./dez. 2015 Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/3735/3153> Acesso em: 03 mar. 2019.

COSSON, Rildo. As práticas. In: _____. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 44 - 108.

DALVI, Maria Amélia; JOVER-FALEIROS, Rita; REZENDE, Neide Luzia de (Orgs.). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

FERRAREZI JR, Celso; CARVALHO, Robson S.. **De alunos a leitores: o ensino da literatura na educação básica**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/livro_freire_educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em: 09 fev. 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

PAIVA, Vanilda Pereira. A educação dos Adultos. In:_____. **Educação popular e educação de adultos**. 5º ed.São Paulo: Loyola, 1987.cap.3, p.165- 258.

PAULINO, Graça. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. **CEALE** ISBN: 978-85-8007-079-8. Disponível em:<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria>. Acesso em: 23 fev. 2019.

PIMENTEL,C.Santana. Mediação para compreensão leitora: Uma estratégia didática. *Sitientibus*, Feira de Santana, n.37, p.151-171, jul./dez. 2007. Disponível em: http://www2.uefs.br:8081/sitientibus/pdf/37/mediacao_para_compreensao_leitora.pdf. Acesso em: 03 mar. 2019.

TREVIZAN, Zizi; GEBRAN, Raimunda Abou.; GUIMARÃES, Cléber Ferreira.A mediação docente no ensino de leitura literária. **Teias**. Rio de Janeiro. 2017. v. 18 n. 49 abr./jun. 2017 p. 181- 193 DOI: 10.12957 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/viewFile/26708/20960> Acesso em: 03 mar. 2019.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO

Este questionário é parte da pesquisa de conclusão do curso de Letras - Português da Universidade Federal da Paraíba. O intuito desta pesquisa é compreender como a leitura literária tem sido trabalhada na Educação de Jovens e Adultos.

(não obrigatório) Nome: _____

idade: _____ **Turma:** _____

1. Você gosta de ler? O que você costuma ler?

2. Você costuma ir à biblioteca para retirar livros de literatura? Que tipo de livros você retira na biblioteca?

3. Você tem contato com textos da literatura somente na escola? Quais outros lugares você tem contato com a literatura (na sua casa, no trabalho, na igreja, etc)?

4. O que você entende por leitura literária?

5. Há atividades de leitura literária nas suas aulas? Cite alguns textos literários que foram lidos em atividades de leitura na sala de aula. Que textos gostaria de ler na sala de aula?

6. Você gosta do modo como a literatura é trabalhada na sala de aula? Explique por que/ ou / justifique sua resposta.

7. Quais contribuições a leitura literária pode proporcionar para sua formação social, isto é, para a sua vida cotidiana?
